

O RIO GRANDE DO NORTE GLOBALIZADO E O NOVO CENÁRIO EM UMA DÉCADA DE EXPORTAÇÕES (1998-2007)

MSc Otomar Lopes Cardoso Junior – Faculdade de Natal
MSc Elisângela Cabral de Meireles – Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a dinâmica exportadora do Rio Grande do Norte, especialmente, no período 1998/2007. Percebe-se nesse contexto que as inserções globais, em torno do livre comércio, praticado com ênfase a partir dos anos 90 vêm favorecendo os países, ressaltando, destacarem-se com maior incidência aqueles que detêm condições competitivas mais favoráveis na produção e escoamento dos seus produtos. Para a pesquisa optou-se pelo método exploratório-descritivo, centrado em dados secundários, de caráter bibliográfico-documental, bem como, em indicadores numéricos. Para a análise, caracterizada nos âmbitos quali-quantitativo, optou-se pela estatística descritiva, com representações tabulares, médias e percentagens. Vários autores, que abordam a questão do comércio internacional e seus aspectos de interveniência bem como as incidências desse comércio sobre a realidade brasileira foram utilizados, a exemplo de Thortensen (2001), Baumann (1996), Chesnais (1996) e Brum (2001), dentre outros não menos importantes. Utilizou-se ainda como fontes de consulta a OMC-Organização Mundial do Comércio e o MDIC-Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comercio Exterior. Várias constatações puderam ser obtidas destacando-se a representatividade que as exportações possuem para as economias brasileira e norterio-grandense, com ênfase nessa última, a diversidade de produtos em sua pauta exportadora.

Palavras-chave: comércio internacional; globalização; exportação; Rio Grande do Norte

O RIO GRANDE DO NORTE GLOBALIZADO E O NOVO CENÁRIO EM UMA DÉCADA DE EXPORTAÇÕES (1998-2007)

Exportar é o que importa já foi lema de época do milagre econômico brasileiro – “vários anos consecutivos em que a economia do país [...] teve um crescimento acelerado”, como descreve Brum (2003, p. 322) –, período em que começou o Brasil a preocupar-se com o comércio internacional mais efetivamente, ainda que de forma inversa da ordem econômica atual mundial. O comércio internacional é uma via de mão dupla, ou seja, somente há exportação se houver alguém interessado na importação. Do vetusto lema ufanista nacional à globalização dos anos 80 – ou mundialização, como preferem os franceses – e suas discussões sobre os efeitos nocivos do avanço do capitalismo, na atualidade, com a crescente presença da China no cenário mundial, ocorre a exigência por discussões precisas, que impliquem em resultados eficazes, tal a interdependência dos países face à crescente oferta e demanda no mercado mundial.

O mundo, em outras palavras, cada vez compra mais produtos, cada vez mais busca em outros mercados a condição ideal de produção capaz de oferecer uma melhor competitividade para o mercado interno de cada nação. Sendo assim:

um fato marcante das últimas décadas tem sido a interdependência econômica e a globalização das economias, abrangendo os mercados de bens e serviços, principalmente o financeiro, a produção, a difusão e a criação de novas tecnologias, o que trouxe como consequência a rápida aceleração dos fluxos de comércio e de investimento. (THORSTENSEN, 2001, p, 25)

Em se tratando das acelerações dos fluxos de comércio, merece destaque Chesnais (1996, p. 215), quando afirma que:

(...) desde o fim do período de reconstituição do sistema de intercâmbio multilateral, em meados da década de 50, o comércio mundial vem apresentando taxas de crescimento superiores às do Produto Interno Bruto dos países participantes. [...] no começo da década de 90, o comércio retomou um crescimento mais rápido do que o dos PIBs (...).

É importante destacar que esta realidade histórica, descrita pelo autor, quanto ao crescimento acelerado do comércio internacional, perdura até a atualidade. Dados atuais da OMC-Organização Mundial do Comércio confirmam esse crescimento frente ao PIB mundial – em 2004, 9,5% ante 4,0% para o PIB; em 2005, 6,5% frente a 3,5%; e, em 2006, 8,0%,

mantidos os mesmos 3,5% para o produto interno bruto. Tais dados reforçam a percepção de que o livre-comércio, tão defendido pelos liberalistas, em especial por Adam Smith parece ter encontrado, no mundo globalizado, perfeita sintonia com a teoria econômica, visto que:

(...) desde a época de Adam Smith os economistas têm defendido o livre-comércio como um ideal pelo qual a política de comércio deveria se empenhar. [...] Os modelos teóricos sugerem que o livre-comércio evita as perdas de eficiência associadas à proteção. (...) o livre-comércio produz ganhos que vão além da eliminação das distorções de produção e consumo. (KRUGMAN; OBSTFELD, 2001, p. 226).

Tal proposição acerca da relação entre livre comércio e globalização se mostra pertinente também para outros autores, a exemplo de Baumann (1996), que em cenário histórico dos anos 90 já alertava para a exigência em se compreender os vários significados da globalização, dentre os quais, o comercial, onde segundo o mesmo autor, o processo global se traduz em uma semelhança crescente das estruturas de mercado, como também na evolutiva homogeneização das possibilidades de oferta existente no Mundo. No entanto, afirma: “alguns países e alguns setores econômicos obtiveram mais vantagens que outros decorrentes das mudanças estruturais.” Essa mesma linha de raciocínio, reaparece contextualizada para a atualidade, na interpretação de Pascal Lamy (2008, p. xi), gestor da OMC, quando afirma: “raros são aqueles que contestariam as vantagens proporcionadas pela Globalização, que assegura uma maior prosperidade a centenas de milhões de pessoas e uma maior estabilidade entre os países.” E, continua afirmando (2008, p. xiii): os novos países industriais estão entre os principais ganhadores da integração econômica crescente.

Dessa forma, evolui o comércio internacional - como resultante das especializações na divisão internacional do trabalho e das vantagens comparativas dos países (OMC, 2008), associadas às diferenças entre as mercadorias e variações entre os países (MALUF, 2001, p. 24).

A seguir serão apresentados diversos dados dispostos em tabelas específicas que comprovam as afirmações suscitadas. Esses dados, dispostos da Tabela 1 a Tabela 6 abrangem, em linhas gerais, desde a evolução do comércio internacional mundial, a respectiva relação com o comércio internacional praticado no Brasil, chegando à realidade vivenciada no Rio Grande do Norte, em cifra e produtos presentes na pauta exportadora.

O mercado mundial exportador atingiu a marca de US FOB 11,3 trilhões no ano de 2006, uma evolução média de 15% em relação ao ano anterior. Dentre os 24 maiores exportadores mundiais é possível identificar apenas oito nações com índice acima da média

mundial; e nestes, destaca-se o Brasil, apesar de sua 24ª posição no *ranking* global, tendo crescido 16% no ano de 2006. Apesar do crescimento expressivo, observado na economia exportadora mundial, este é um mercado dominado por poucas nações: os dez maiores exportadores representam mais da metade do volume desse comércio, no ano de 2006; e, na América do Sul, somente o Brasil está entre as economias que detém pelo menos 1% desta fatia global.

TABELA 1 – PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES EM 2006 (US FOB 1,0 BILHÃO)

ORDEM	PAÍS	EXPORTAÇÕES 2006	PARTICIPAÇÃO MUNDIAL	VARIAÇÃO 2006/2005
1º	Alemanha	1.112,0	9,2 %	+ 15 %
2º	Estados Unidos	1.038,3	8,6 %	+ 15 %
3º	China	968,9	8,0 %	+ 27 %
4º	Japão	649,9	5,4 %	+ 9 %
5º	França	490,4	4,1 %	+ 6 %
6º	Holanda	462,4	3,8 %	+ 14 %
7º	Reino Unido	448,3	3,7 %	+ 17 %
8º	Itália	410,6	3,4 %	+ 10 %
9º	Canadá	389,5	3,2 %	+ 8 %
10º	Bélgica	369,2	3,1 %	+ 10 %
11º	Coréia do Sul	325,5	2,7 %	+ 14 %
12º	Hong Kong	322,7	2,7 %	+ 10 %
13º	Rússia	304,5	2,5 %	+ 25 %
14º	Cingapura	271,8	2,2 %	+ 18 %
15º	México	250,4	2,1 %	+ 15 %
16º	Taiwan	223,8	1,9 %	+ 22 %
17º	Arábia Saudita	209,5	1,7 %	+ 16 %
18º	Espanha	205,5	1,7 %	+ 7 %
19º	Malásia	160,7	1,3 %	+ 14 %
20º	Suíça	147,5	1,2 %	+ 13 %
21º	Suécia	147,4	1,2 %	+ 13 %
22º	Áustria	140,4	1,2 %	+ 12 %
23º	Emirados Árabes Unidos	139,4	1,2 %	+ 19 %
24º	Brasil	137,5	1,1%	+ 16 %
--	Outros países	1.968,0	22,8 %	---
--	Total Mundo	11.294,1	100,0 %	+ 15 %

Fonte: elaboração própria a partir de dados da OMC (2007)

Nota: excluídas, para o total, as reexportações (importações destinadas às exportações).

O crescimento das exportações brasileiras permite antecipar um posicionamento mais favorável neste *ranking* internacional para o ano de 2007: tendo somado US FOB 160,6 milhões, um crescimento próximo dos 17% em relação ao dado divulgado na Tabela 1. Enfatizando essa análise, surgem os dados da Tabela 2, como uma medida de comparação mais linear na avaliação do distanciamento do Brasil diante das principais economias exportadoras mundiais. A Alemanha, por exemplo, maior exportadora mundial, corresponde a 8,1 vezes o

valor das exportações brasileiras; a China, em rápida ascensão no período mais recente, representa 7,0 vezes o equivalente brasileiro. Dentre os países mais próximos estão a Malásia, 1,2, vez, a Suíça e a Suécia, com aproximadamente 1,1, vez e, em condições de equiparação, aparecem a Áustria e os Emirados Árabes Unidos, com diferença superior ao Brasil, não maior do que 10%:

TABELA 2 – IMPORTÂNCIA DO COMÉRCIO MUNDIAL EM RELAÇÃO AO BRASIL (EM VALORES)

ORDEM	PAÍS	FATOR EXPORTADOR EM RELAÇÃO AO BRASIL	ORDEM	PAÍS	FATOR EXPORTADOR EM RELAÇÃO AO BRASIL
1°	Alemanha	8,1	13°	Rússia	2,2
2°	Estados Unidos	7,6	14°	Cingapura	2,0
3°	China	7,0	15°	México	1,8
4°	Japão	4,7	16°	Taiwan	1,6
5°	França	3,6	17°	Arábia Saudita	1,5
6°	Holanda	3,4	18°	Espanha	1,5
7°	Reino Unido	3,3	19°	Malásia	1,2
8°	Itália	3,0	20°	Suíça	1,1
9°	Canadá	2,8	21°	Suécia	1,1
10°	Bélgica	2,7	22°	Áustria	1,0
11°	Coréia do Sul	2,4	23°	Emirados Árabes Unidos	1,0
12°	Hong Kong	2,3	---	---	---

Fonte: elaboração própria a partir de dados da OMC

Nota: excluídas, para o total, as reexportações (importações destinadas às exportações).

Apesar da crescente expansão econômica brasileira, quando comparada com o desempenho exportador de outros países, algumas situações chamam a atenção por suas características internas: a Bélgica, país de dimensão inferior ao Estado do Rio Grande do Norte, por exemplo, exporta 2,7 vezes mais do que o Brasil; Taiwan, uma ilha, 1,6 vez a mais; Cingapura, cidade-estado, o dobro. São, certamente, condições diferentes em que o valor agregado das mercadorias exportadas faz a diferença entre o volume produzido internamente e o seu destino, entre mercado interno e mercado externo, mas, embora presente a diversidade não pode ser desconsiderada, dada à significância desses dados.

O Brasil, ainda que pouco tenha expressão numérica no contexto comercial internacional, vem passando por uma fase áurea nas exportações e, de forma mais ampliada, em sua balança corrente; ou seja, uma abertura comercial cada vez mais expressiva em consonância com a crescente globalização e movimento de mercadorias.

Na Tabela 3, a seguir, é possível comparar estes números, desde 1995, quando efetivamente o Plano Real começou a transformar a economia nacional, eliminando o

fantasma da ciranda inflacionária, atribuindo os ganhos empresariais mais em função da competitividade, do que dos ganhos em aplicações financeiras. O impacto é visível quando comparamos os dois extremos dessa Tabela, no tocante à balança comercial, de US FOB 96,5 bilhões em 1995 passando para os atuais US FOB 281,3 bilhões, em 2007: um aumento de 191,5% neste período.

As exportações saltaram de US FOB 46,5 bilhões, em 1995, para US FOB 160,6 bilhões, em 2007, com uma variação positiva de 245,4% . Já, as importações, também para o mesmo período, indicaram uma evolução favorável, embora em escala bem menor, da ordem de 141,4%.

Na mesma tabela tem-se, ano a ano, a evolução das exportações, das importações, seu saldo comercial e a balança corrente, mostrando as variações resultantes das transformações da economia brasileira, consideradas as alterações de cenário, em âmbito inflacionário, das crises econômicas, entre outros elementos intervenientes, não menos importantes.

TABELA 3 – O COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO DE 1995 A 2007 (US FOB 1,0 MILHÃO)

ANO	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO COMERCIAL	BALANÇA CORRENTE
1995	46.506,3	49.972,0	-3.465,7	96.478,3
1996	47.746,7	53.345,8	-5.599,1	101.092,5
1997	52.994,3	59.747,2	-6.752,9	112.741,5
1998	51.139,9	57.763,5	-6.623,6	108.903,4
1999	48.012,8	49.301,6	-1.288,8	97.314,4
2000	55.118,9	55.850,7	-731,8	110.969,6
2001	58.286,6	55.601,8	2.684,8	113.888,4
2002	60.438,7	47.242,7	13.196,0	107.681,4
2003	73.203,2	48.325,7	24.877,5	121.528,9
2004	96.677,8	62.835,6	33.842,2	159.513,4
2005	118.529,2	73.600,4	44.928,8	192.129,6
2006	137.807,5	91.350,8	46.456,7	229.158,3
2007	160.649,1	120.614,2	40.034,9	281.263,3

Fonte: elaboração própria a partir de dados do MIDC, Sistema Aliceweb

Observa-se, a partir dos números divulgados, outra postura do comércio internacional brasileiro, saindo da condição de déficit em sua balança comercial para uma confortável situação de superávit comercial, embora, em ritmo que se estabilizou no último ano de 2006 e que apresentou, pela primeira vez, depois de 2001, uma inversão na curva de crescimento, em 2007; mas isto, como consta na Tabela 3, em virtude da expressiva variação da importação, e não, em detrimento da queda nas exportações. Em outras palavras, a abertura comercial brasileira consolida-se ano a ano trazendo, neste período mais recente, uma nova

contextualização, de expansão da produção estrangeira para atender às necessidades do mercado interno.

No Rio Grande do Norte não foi diferente no mesmo período de avaliação do Brasil. Tivemos uma evolução constante das exportações, uma maior participação das importações, um saldo comercial amplamente superavitário e uma balança corrente cada vez mais expressiva. A Tabela 4, a seguir, expressa esses números de forma minuciosa:

TABELA 4 – O COMÉRCIO EXTERIOR DO RIO GRANDE DO NORTE DE 1995 A 2007 (US FOB 1,0 MILHÃO)

ANO	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO COMERCIAL	BALANÇA CORRENTE
1995	79.228,4	81.620,6	-2.392,2	160.849,0
1996	94.875,6	101.542,7	-6.667,1	196.418,3
1997	93.536,4	125.408,2	-31.871,8	218.944,6
1998	101.748,2	88.511,7	13.236,5	190.259,9
1999	115.474,1	84.235,8	31.238,3	199.709,9
2000	149.442,2	70.181,2	79.261,0	219.623,4
2001	187.676,9	88.697,0	98.979,9	276.373,9
2002	223.718,2	115.543,0	108.175,2	339.261,2
2003	310.551,2	168.562,5	141.988,7	479.113,7
2004	573.836,2	139.485,9	434.350,3	713.322,1
2005	413.711,7	110.335,4	303.376,3	524.047,1
2006	372.010,7	130.450,4	241.560,3	502.461,1
2007	380.128,2	151.637,9	228.490,3	531.766,1

Fonte: elaboração própria a partir de dados do MIDC, Sistema Aliceweb

Mediante análise dos dados observa-se que a exceção configurou-se apenas no biênio 2003-2004, quando o petróleo passou a compor a pauta externa norte-rio-grandense, influenciando sobremaneira as exportações, principalmente em 2004 – representando cerca de 50% do total para aquele ano. Por outro lado, quando de sua redução, em 2005, ou interrupção por completo, em 2006, as exportações do Rio Grande do Norte apresentaram queda; mas, excluídas as exportações do petróleo, houve crescimento dos demais produtos que compõem a pauta comercial externa do Estado.

O crescimento nas exportações do Rio Grande do Norte produziu alguns reflexos na economia estadual, sobretudo com a inserção de novas atividades produtivas, pela implantação de novas empresas que passaram a buscar, também no Estado, condições favoráveis de atender ao mercado externo, seja no tocante a especialização da mão-de-obra, como são os casos das indústrias, têxtil e de confecções, seja nas condições geográficas excepcionais, como são os exemplos do melão, da castanha, da banana, do camarão, do granito, dentre outros itens.

As Tabelas 5 e 6, em seguida, apresentam os dados de 1998 a 2007 no que concerne aos principais produtos exportados ano a ano. Em 1998 já aparecia o melão em posição de destaque, maior produto em exportação também nos anos de 1999 e 2006 e 2007, sem nunca ter abandonado este *ranking* dos maiores produtos, superado apenas pelas fases áureas de produtos como *t-shirt*, camarão ou petróleo. Estes três produtos atualmente tomaram destinos diferentes na economia exportadora potiguar: o *t-shirt* ainda se mantém na pauta externa, assim como o camarão, apesar da queda livre; já, o petróleo, como anteriormente indicado, não mais compõe o leque de produtos destinados ao mercado internacional a partir do Rio Grande do Norte.

TABELA 5 – PRINCIPAIS ITENS DE EXPORTAÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE , 1998 A 2002

ANO	1998	1999	2000	2001	2002
1º	Melão	Melão	<i>T-shirt</i>	<i>T-shirt</i>	Camarão
2º	Castanha caju	Castanha caju	Melão	Camarão	Melão
3º	Açúcar	Açúcar	Castanha	Melão	Petróleo
4º	Couros e peles	Camisa	Camisa	Castanha caju	Castanha caju
5º	Confeitaria	Confeitaria	Camarão	Açúcar	<i>T-shirt</i>
6º	Sal	Sal	Açúcar	Sal	Peixes
7º	Manga	Tecidos	Sal	Confeitaria	Banana
8º	<i>T-shirt</i>	Peixes	Peixes	Peixes	Açúcar
9º	Tecidos	Couros e peles	Confeitaria	Banana	Confeitaria
10º	Lagosta	Manga	Banana	Tecidos	Sal

Fonte: elaboração própria a partir de dados do MIDC, Sistema Aliceweb

TABELA 6 – PRINCIPAIS ITENS DE EXPORTAÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE , 2003 A 2007

ANO	2003	2004	2005	2006	2007
1º	Camarão	Petróleo	Petróleo	Melão	Melão
2º	Petróleo	Camarão	Camarão	Castanha caju	Castanha caju
3º	Melão	Melão	Melão	Camarão	Camarão
4º	Castanha caju	Castanha caju	Castanha caju	Petróleo	Banana
5º	Banana	Banana	Açúcar	Banana	Confeitaria
6º	<i>T-shirt</i>	Confeitaria	Banana	Açúcar	Consumo bordo
7º	Peixes	Peixes	Tecidos	Álcool	Açúcar
8º	Confeitaria	Açúcar	Confeitaria	Confeitaria	Lagosta
9º	Açúcar	<i>T-shirt</i>	Chapa plástica	Tecidos	Ferro
10º	Sal	Tecidos	<i>T-shirt</i>	Peixes	Peixe

Fonte: elaboração própria a partir de dados do MIDC, Sistema Aliceweb

O melão, assim como a castanha de caju e os produtos de confeitaria, são os três únicos que permaneceram constantes entre os dez maiores em exportação. O melão é, inclusive, o carro-chefe da chamada fruticultura tropical potiguar de exportação, talvez o

“ícone” do comércio internacional estadual por sua importância econômica, pela permanência e busca de novos mercados compradores e pela extensa área de produção ocupada no chamado Vale de Mossoró. O Rio Grande do Norte é, sem dúvida, o maior exportador de melão do Brasil. A castanha de caju, apesar da predominância comercial e produtiva do estado vizinho, o Ceará, encontra no Rio Grande do Norte condições plenamente favoráveis às exportações, com grandes e tradicionais empresas, tais como: a Usibrás e a Aficel, ambas, em Mossoró. Há também pequenos produtores da Serra do Mel, além de investimentos estrangeiros diretos realizados por um grupo indiano, atuando, no RN, no município de São Paulo do Potengi. Já a confeitaria, representante mais expressivo do setor industrial em termos de longevidade no mercado externo, difere do melão e da castanha de caju pelo (quase) monopólio, não somente na produção, mas, principalmente nas exportações. A Simas Industrial ocupa esse espaço, com balas, pirulitos e chicletes – dos quais alguns licenciados para uso da marca de personagens da Disney – conseguindo também ser a empresa mais internacional do Rio Grande do Norte, exportando para mercados tradicionais como os Estados Unidos, bem como outros menos conhecidos comercialmente pelas empresas do Estado, tais Trinidad e Tobago ou África do Sul

Cabe ressaltar a participação de outros segmentos, de forma menos intensa no *ranking* estadual dos dez mais, mas com importante presença neste cenário internacional do Rio Grande do Norte.

O pescado, a exemplo, também tem relevante peso econômico, vista a sua capacidade de liderança nas exportações do Estado ocasionada pela participação de empresas locais na pesca oceânica do meka – uma espécie de tunídeo, da família, portanto, dos atuns. Esse tipo de peixe tem encontrado largo espaço de demanda no mercado internacional, sendo bastante apreciado pela culinária norte-americana e japonesa. Ao lado do camarão, o pescado tem adentrado em espaços de mercados nacionais e internacionais, entre 1998 e 2007. Destaca-se que o camarão teve seu período de supremacia no biênio 2002-2003, aproveitando-se o Rio Grande do Norte da conjunção de dois fatores que beneficiaram nossos exportadores: a crise dos produtores mundiais tradicionais, a exemplo da Tailândia e do Equador, afetados por doenças que eliminaram ou dizimaram toda a produção local voltada para a exportação; e também como fator preponderante a excepcional condição climática, favorecendo a realização de, em média, 3,5 despescas anuais contra, por exemplo, 1,5 ou 2, em estados com maior tradição no cultivo marinho, como Santa Catarina. Outro produto associado, a lagosta, com seus altos e baixos, somente posicionou-se de forma mais expressiva durante dois anos, curiosamente nos extremos dos anos em análise – em 1998 e, em 2007. Ressalta-se que esse

produto padece da fiscalização precária e da pesca predatória, que tem reduzido substancialmente sua participação na economia regional, limitada sua captura – oficialmente – a poucos meses do ano.

Outro item da fruticultura foi também, no RN, capaz de reproduzir condição de internacionalização da economia consumidora, com a listagem da banana – a fruta de maior consumo no Mundo – entre os principais produtos exportados, desde 1999. Esta vantagem é resultado, novamente, do capital internacional, com investimentos expressivos de uma das maiores empresas mundiais nas exportações de frutas, detentora de tecnologia e metodologia de cultivo avançadas – desde a importação de mudas pré-selecionadas até as *packing houses* para seleção e acondicionamento prévios ao envio para os destinos importadores. Esse promissor cenário de produção e venda de bananas foi comprometido, em 2008, pelas chuvas intensas no Vale do Açu, no primeiro semestre, comprometendo as possibilidades de liderança no ranking brasileiro. Atualmente, no entanto, com o período de chuvas em excesso no primeiro semestre, provavelmente abandonará, ao final de 2008, depois de oito anos, esse *ranking* das exportações potiguares.

Ainda no campo do agronegócio, ressalta-se a importância de uma das economias produtivas mais tradicionais da história colonial do Rio Grande do Norte, o açúcar, que no período 1998/2007 manteve-se entre os produtos mais exportados. O álcool, produto associado à cultura produtiva do açúcar destacou-se, apenas em 2006, apesar da expectativa de crescimento nas vendas externas face à demanda global crescente de biocombustíveis.

Outros itens da pauta exportadora, o ferro e o chamado consumo de bordo foram dois novos produtos identificados no ano de 2007, conforme demonstrado nas Tabelas 5 e 6. O ferro, tais como os demais minerais exportados pelo Estado, teve sua exploração no Seridó, mais precisamente no município de Jucurutu, impulsionado pela crescente demanda mundial desta matéria-prima por, entre outros motivos, necessidade de atender ao mercado chinês. O consumo de bordo, por outro lado, tem a curiosa particularidade de referir-se ao combustível para embarcações e aeronaves que têm no Rio Grande do Norte se favorecido da infraestrutura turística.

Além dos já mencionados produtos, vale a pena lembrar a presença das camisas, couros e peles, *t-shirt*, sal, manga, tecidos e chapa plástica que já ocuparam posição de destaque na pauta externa dos dez anos passados. Destes, apenas os couros e peles deixaram de estar presentes, ainda que em quantidades menores, em função da redução desta atividade no Estado – de forma legalizada, sobretudo, para atender às exigências da legislação

ambiental. Mas, todas as outras, em menor escala, ainda reproduzem o mapa da economia exportadora em 2007.

CONCLUSÃO

Várias constatações puderam ser obtidas, diante da proposta da pesquisa. Sem dúvida, a primeira dentre elas refere-se ao fato do comércio internacional ter adotado uma expressiva participação na economia mundial, ultrapassando, em valores absolutos e relativos, os indicadores de riqueza, expressos no Produto Interno Bruto, mensurado, também em escala mundial.

Depreendeu-se ainda que o livre comércio, em tempos de globalização – econômica, comercial, financeira, tecnológica ou cultural – vem favorecendo, de alguma forma, todos os países que nesse cenário buscam se inserir, diferindo apenas das condições de inserção, inclusos nesse contexto, os produtos ofertados, a capacidade de distribuição, preço, escoamento, venda, dentre outros.

Há que se destacar que organismos, mundiais e setoriais, tais como, a Organização Mundial do Comércio e o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, vêm respectivamente, no Mundo e no Brasil, contribuindo para a expansão das ações exportadoras.

Da pesquisa, evidencia-se a importante contribuição dos dados numérico-estatísticos apresentados que esclarecem quanto o Brasil vem melhorando a sua condição de exportador mundial, embora que sua representatividade, em escala global, em números, se comparado a outros países, ainda seja pouco representativa. Mas, para o Brasil, as exportações constituem-se em atividades de suma importância ao equilíbrio das contas nacionais e desenvolvimento sócio-econômico. Ainda, nessa seqüência de raciocínio, evidencia-se a representatividade das exportações norte-riograndenses, concentradas em *commodities*, mas, que também já apontam para a participação do setor secundário no comércio internacional.

Indubitavelmente, há muito que se fazer, mas, da pesquisa se vislumbram oportunidades que tenderão a crescer quanto maior seja o engajamento dos setores público e privado – os maiores interessados no avanço dessa já existente inserção no ambiente de desenvolvimento econômico-produtivo mundial.

REFERÊNCIAS

BAUMANN, Renato (org.). **O Brasil e a economia global**. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Sistema Alice. Disponível em <www.alicewebdesenvolvimento.gov.br>. Acesso: em 15 ago. 2008.

BRUM, Argemiro Jacob. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. 13 ed. Rio de Janeiro: Unijuí, 2003.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. **Economia internacional: economia e política**. 5 ed. São Paulo: Pearson Education, 2001.

MALUF, Sâmia Nagib. **Administrando o comércio exterior do Brasil**. São Paulo: Aduaneiras, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO. **Rapport sur le commerce mondial 2008**. Le commerce à l'heure de la mondialisation. Disponível em <www.wto.org/french/res_f/booksp_f/anrep_f/world_trade_report08_f.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2008.

_____. **Statistiques du commerce international 2007**. Disponível em <www.wto.org/french/res_f/statis_f/its2007_f/its2007_f.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2008.

THORSTENSEN, Vera. **OMC-Organização Mundial do Comércio: as regras do comércio internacional e a nova rodada de negócios multilaterais**. 2 ed. São Paulo: Aduaneiras, 2001.